

Narrativa de cinta-larga vira livro que retrata a extinção

Reprodução

BRASÍLIA — O índio cinta-larga Pichuvy tinha medo de morrer e deixar a história do seu povo mergulhar ainda mais fundo no esquecimento. "Quando eu morrer, pessoal tem que lembrar de mim assim que Pichuvy quando era vivo contava história", desabafa, no livro póstumo *Histórias de maloca antigamente*, escrito a partir de sua narrativa oral, e que vai das lendas pitorescas sobre os primórdios do mundo, "quando todós os passarinhos eram gente", até a chegada do branco, na figura da Funai, garimpeiros, fazendeiros e madeireiros. O livro começa com a origem de Nguará, criador do céu, da terra, dos bichos e das gentes. O mesmo Nguará que enviaria para Pichuvy um castigo cruel.



Pichuvy morreu, aos 29 anos, em desastre de carro

Guerreiro respeitado e hábil contador de histórias — virtude inestimável para um povo que não domina a linguagem escrita —, Pichuvy foi, durante muitos anos, uma das maiores resistências cinta-larga à invasão das madeireiras. Até que, em abril do ano passado, desistiu da luta e ganhou de uma madeira uma Toyota novinha. O castigo viria três meses depois, quando Pichuvy e sua Toyota bateram de frente num caminhão que, por ironia do destino, transportava madeira retirada de terras indígenas.

Pichuvy, morto aos 29 anos, volta agora no livro *Mantere ma kwé tnhim* (*Histórias de maloca antigamente*), editado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), com lançamento previsto para a primeira quinzena de abril, em Belo Horizonte e São Paulo. Entre 1982 e 1986, a arquiteta Leda Lima Leonel viajou pela área indígena cinta-larga, que abrange os estados de Mato Grosso e Rondônia, pesquisando as suas formas de moradia. Acabou gravando, fascinada, horas a fio, as histórias de Pichuvy, agora transcritas em livro. O resultado,

segundo Leda, é uma acidentada trajetória "da harmonia mística à desintegração histórica" dos cinta-larga que em 1971 eram 5 mil índios, e hoje não passam de 1.000.

"Meu pai sabe pouco mas não conta, sabe? Ele esqueceu tudo de história. Menino de aldeia não sabe mais história. Nenhum índio conta pro filho assim. Perdeu tudo, tudo perdido na cabeça", desabafa Pichuvy, a certa altura do livro. Como antídoto ao esquecimento, Pichuvy contava histórias.

Histórias ingênuas, como a do primeiro homem a habitar a face da terra que, na falta de mulheres, "transava a terra", fazendo um buraquinho no chão, o que era um obstáculo incontornável à reprodução da espécie, já que "terra seca tudo, chupa todo zup (esperma)". Histórias engraçadas, como a que explica o porquê da rígida e longa abstinência sexual pós-parto, válida também para os homens. "Num pode transar até neném andar. Num arruma namorada não", en-

sina Pichuvy. A quebra dessa regra básica tem um efeito colateral imediato e denominador: o recém-nascido começa a vomitar e "ai mulher sabe que pai transou outra mulher".

Mas não faltam também histórias tristes, que falam da chegada das doenças dos brancos (gripe, malária, tuberculose), do lento desaparecimento dos pajés; da perda da cultura, sufocada pelas igrejas e missões; da invasão dos garimpeiros, fazendeiros e madeireiros. E dos muitos massacres.

"Primeiro que o branco matava muita cinta-larga, de tiro, de metralhadora...", conta Pichuvy, lembrando também outros massacres mais eficazes, que apresentariam aos cinta-larga novas formas de morte, até então desconhecidas. "Depois outra maloca cabou... Parece que avião jogou bomba. Cabou na hora. Não precisa sentir dor de sofrendo não. Morre na hora. Morre assim gordo mesmo. Morre tudo", descreve.

Dos bons tempos às doenças de branco

Pichuvy tinha cerca de 10 anos de idade quando os cintas-largas atacaram o posto indígena Roosevelt, no Mato Grosso, no início dos anos 70, e mataram um radiotelegrafista da Funai e o jornalista Possidônio Bastos. O ataque dos cintas-largas, em represália ao envenenamento de uma aldeia pelos garimpeiros, está descrita em *Histórias da maloca antigamente*:

"Então disse: 'Tudo bem, tudo bem?' — cercando o branco. Ai índio vai cortar o pescoço dele, pá... Cortaram cabeça de branco, ai cortaram outro braço... Eu não, os outro cortou, né? Eu vi. Ai cortaram cabeça dele que morreu, né? Outro correu, pulou lá, pulou

lá dentro da água. Foi embora corredeira".

Outros trechos do livro:

"Mas teve tempo bom pra cinta-larga no mato ainda. Gente muita, maloca grande. Gente num morre, num fica doente nada... Nem malária, nem gripe, nem TB (tuberculose). Índio muito mesmo. Tudinho alegre, cantava música de noite, tomava chicha (bebida típica)... Depois, agora, nós tá pouquinho, bicho pouquinho também... Nós tá aqui agora, né? Mas não precisa branco não. Nós sabe tudo de mato. Se pudesse nós voltava pra lá".

"Peão Funai chega, quer mexer transar índia. Até chefe de posto namorar

índia. Mulher mesmo conta. Primeiro com medo, depois conta".

"Depois outro missionário chegou, falava lingua nossa. Falava de pecado, de não poder dançar (...) Ai sim, cabou vida nossa de índio".

"Branco tem muito, né? Índio tem muito pouco! Depois de índio acabar, comê? Branco quer mato, então mata os índios também por causa da terra, porque quer morar terra dos índios, né?"

"O índio não precisa ganhar dinheiro. Índio precisa caçar... Índio precisa passear... Tirar mel, não é? Só isso que índio precisa".